



A injustiça social no século VIII A.E.C em Israel: uma leitura teológica a partir da literatura de Amós

*Social injustice in the eighth century B.C.E in Israel:
a theological Reading from the literature of Amos*

Wallace Soares da Paixão³⁹⁹

Doutorando no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: O artigo faz uma leitura teológica do livro de Amós, enfatizando a injustiça social que marcara a sociedade de Israel antigo, no século VIII A.E.C., em detrimento da solidariedade, enquanto prática comum dos seguidores de Yahweh, e seus efeitos na vida das pessoas em situação de pobreza. A partir das contribuições da Arqueologia, procura-se: descrever a prosperidade de Israel no contexto do reinado de Jeroboão II; analisar os principais pontos de conflito entre os camponeses e cidadãos; evidenciar o sofrimento do povo, em virtude da violência que padeciam e aumento da arrecadação de tributos; esclarecer as denúncias de Amós diante das injustiças de seu tempo; e relacionar o luxo da classe abastada de Israel com a opressão do povo. A falta de solidariedade não parece ter sido apenas um problema da sociedade de Amós, ao contrário, ela continua fazendo vítimas na contemporaneidade e sua ausência solicita pela transformação da sociedade.

Palavras-chave: Pobre. Injustiça Social. Amós. Solidariedade.

Abstract: The article makes a theological reading of the book of Amos, emphasizing the social injustice that had marked the society of ancient Israel in the eighth century B.C.E., to the detriment of solidarity, as a common practice of the followers of Yahweh, and its effects on the lives of people in poverty. From the contributions of Archaeology, it is sought: to describe the prosperity of Israel in the context of the reign of Jeroboam II; to analyze the main points of conflict between peasants and city dwellers; to show the suffering of the people, due to the violence they suffered and the increase in the collection of taxes; to clarify the denunciations of Amos in the face of the injustices of his time; and to relate the luxury of Israel's wealthy class to the oppression of the people. The lack of solidarity does not seem to have been only a problem of the society of Amos, on the contrary, it continues to make victims in contemporary times and its absence calls for the transformation of society.

Keywords: Poor. Social Injustice. Amos. Solidarity.

³⁹⁹ Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória e Mestre pela mesma instituição. Pós-Graduado em Gestão e Docência no Ensino Superior pela Faculdade Novo Horizonte. Graduado em Teologia pela FUV. Graduado em Administração pela Faculdade Espírito-Santense (FAESA).

Introdução

O artigo analisa a literatura de Amós, que aborda a injustiça social em Israel no período do reinado de Jeroboão II. No tempo de Amós, os ricos e os poderosos eram os opressores das pessoas pobres, e Yahweh representava a divindade que tiraria os israelitas da situação de pobreza e os apossaria da terra, para dela cuidar e de todas as pessoas que estivessem com eles. No entanto, no contexto de Amós, os pequenos camponeses eram oprimidos e escravizados pelos ricos, e os juízes – defensores privilegiados da população – não faziam nada em relação ao empobrecimento provocado pelos poderosos, mas decidiam as questões sempre em benefício dos ricos.

A prática da solidariedade, que deveria ser comum entre os seguidores de Yahweh, segundo o Código da Aliança (Ex 22, 21-27), foi desprezada pelos ricos e poderosos, quando: “vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias” (Am 2,6); “esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres” (Am 2,7); e “se estendem sobre as vestes penhoradas, ao lado de qualquer altar, e bebem o vinho daqueles que estão sujeitos a multas” (Am 2,8).

A política opressora no período de Jeroboão II assolou os pequenos proprietários de terras, e o modo de vida opulento e ostentoso dos ricos opressores, que vivam acumulando riquezas injustas em seus palácios, foi sustentado por eles (Am 3,10). As mulheres dos ricos e poderosos não se preocupavam com a origem de seus luxos (Am 4,1). Os juízes e os políticos, que deveriam manter a ordem social de Israel, aceitavam participar de esquemas fraudulentos, aceitando subornos (Am 5,12). Os comerciantes eram desonestos e tentavam retirar tudo das pessoas fragilizadas e necessitadas (Am 8,4-6).

Contudo, na literatura de Amós, Yahweh é apresentado como um deus que se importa com as pessoas, sobretudo com Israel. Ele é a divindade que toma partido pelas pessoas pobres, fracas e oprimidas. Yahweh ouve o clamor das vítimas e anuncia aos opressores: “um inimigo cercará a terra, arrancará de ti o teu poder, e os teus palácios serão saqueados [...]. Como o pastor salva da boca do leão duas patas ou um pedaço da orelha [...], serão salvos os israelitas, [...] que estão instalados em Samaria, na beira de um leito” (Am 3,11-12).

Nesses termos, o artigo enfatiza, a partir da literatura de Amós, relatos sobre a violência, a opressão e o impacto delas nos camponeses israelitas. Averigua, ainda, a carência de solidariedade na sociedade de Amós e seus desdobramentos, de acordo com os relatos do livro. Esse esforço ajudará na compreensão da maneira pela qual a literatura de Amós lê e interpreta sua realidade em relação àquelas que geram o sofrimento das pessoas em situação de pobreza.

1 O reinado próspero de Jeroboão II

Em síntese, a política expansionista de Jeroboão II foi marcada pelo aumento da arrecadação de impostos, pela busca da garantia do controle das rotas comerciais, visando o estabelecimento de um Estado forte, pela prosperidade econômica e pela abertura ao comércio internacional. Jeroboão II foi um monarca bem-sucedido. Ele reinou 41 anos, expandiu as fronteiras israelitas, conquistando Damasco, Hamate e chegou às margens do Mar Morto. As lutas que ocorreram nas fronteiras de Gileade evidenciam que muitas pessoas morreram em virtude dos massacres provocados pelas guerras. De acordo com Schwantes, o domínio e a ampliação dos estados nacionais

eram alcançados à custa de inúmeras mortes, e isso ocorreu nos dias de Jeroboão II, em Israel.⁴⁰⁰

Na fase de ampliação das fronteiras de Israel, Jeroboão II aumentou a arrecadação de impostos e buscou garantir o controle das rotas comerciais. Israel possuía uma localização privilegiada no sistema de rotas comerciais, em especial nas áreas que interligavam as terras do Nilo e dos Rios Tigre e Eufrates, o que concedia o sucesso comercial que trouxe prosperidade econômica a Israel, uma vez que os egípcios e os mesopotâmicos necessitam transitar pela planície de Jezreel. Nessa altura, Israel era um Estado forte, governado por um rei bem-sucedido em sua administração e no esplendor de uma economia vigorosa.

Segundo Schwantes, Amós atuava no contraponto das propostas do Estado e dos religiosos de seu tempo, de modo que não era bem visto pela classe dominante de Israel,⁴⁰¹ como ocorreu no contexto de sua expulsão de Betel no conflito com o sacerdote Amasias (Am 7,10-17). Para Bonora, Amós apresenta uma denúncia ao culto que “coloca incensos e injustiças, prece e opressão, rito e alienação humana”⁴⁰². Nesse sentido, na literatura de Amós, a fé deve conduzir à justiça social, ao passo que ela resulta de uma comunhão plena com Yahweh. Amós dirige suas críticas aos ricos e poderosos ligados à corte. Nas palavras de Kessler, Amós:

Enfoca as relações durante a estável época de governo de Jeroboão II. Ao lado das tensões sociais, [...] estas palavras criticam a opressão política, esboçando nisso uma imagem de classe superior. De especial importância é a pequena coleção de palavras contra Samaria (Am 3,9-4,3). [...] na Samaria residem pessoas em torres palacianas (3,10s), nas quais ‘se amontoam violência e injustiça’ – isso como forma de linguagem abreviada para riqueza, que é conquistada por meio de opressão política e exploração econômica. Seu bem-estar manifesta-se na posse de casas de inverno e de verão, de ‘casas de marfim’ – aqui provavelmente se pensa em móveis ornamentados com placas de marfim (‘camas de marfim’, 6, 4), como estão documentados em inúmeros achados arqueológicos – ou simplesmente ‘muitas casas’ (3,15). Como sinal de bem-estar, as casas não são de barro, mas sim construídas com pedras cortadas (5,11). Ali, a elite realiza festivais e festas inebriantes (2,8; 4,1; 6, 4-6).⁴⁰³

Segundo Kessler, Amós assume e critica a tradição do Êxodo, em especial quando relata que a “ideologia de libertação como mito originário do Reino do Norte foi superada pelas condições reais”⁴⁰⁴.

2 Disparidades entre campo e cidade

No contexto de Amós, as cidades eram pequenas. De acordo com Schwantes, as cidades “não passam de burgos ampliados”⁴⁰⁵, com predomínio da atividade agrícola.

⁴⁰⁰ SCHWANTES, Milton. *Amós: meditações e estudos*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 13.

⁴⁰¹ SCHWANTES, 1987, p. 13.

⁴⁰² BONORA, Antônio. *Amós: o projeto da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 23.

⁴⁰³ KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 127.

⁴⁰⁴ KESSLER, 2009, p. 128.

⁴⁰⁵ SCHWANTES, 1987, p. 14.

Ou seja, boa parcela da população constituía o grupo dos camponeses: plantavam, colhiam, habitavam em vilas e pequenas comunidades, bem como seguiam os costumes clânicos e tribais. Nesse sentido, o trabalho no campo era a base da subsistência, de modo que cada clã produzia o essencial para o seu consumo e os produtos que não eram produzidos por eles eram obtidos por trocas. O comércio era quase inexistente e, de certa forma, desestabilizava a vida dos clãs. A terra, por sua vez, era de posse desses clãs, e era considerada uma herança que não podia ser vendida.

As cidades eram pouco habitadas, e seus moradores eram os detentores do poder: sacerdotes, cortesãos e comerciantes. Boa parte da cidade era ocupada pelas forças militares e seus instrumentos de guerra. Mas, nas cidades, também residiam as pessoas escravas, os órfãos, as viúvas e empobrecidas, que, em geral, prestavam serviços aos ricos e poderosos.

As cidades se associavam, formando uma espécie de Estado regional, que mantinha o controle sobre os camponeses por intermédio de força coercitiva militar e do encanto da religião. Ou seja, para estabelecer e manter o controle, as cidades tinham pessoas aliadas entre os camponeses: anciãos e juízes, que deveriam defender as questões e os interesses camponeses. Mas, o grande conflito que permeava as tensões entre o campo e a cidade se concentrava nas elevadas taxas do tributo. Em virtude da política expansionista empreendida por Jeroboão II, as despesas do Estado e do exército aumentaram muito e, com efeito, mais impostos eram exigidos.

Além disso, havia a necessidade de Israel participar do comércio internacional. Por isso, Jeroboão II exigia cada vez mais a produção agrícola para manter o fluxo no comércio e adquirir ferro, ouro e outras mercadorias necessárias. Mas, o comércio não era vantajoso para Israel, porque sua produção agrícola era desvalorizada e os produtos importados eram mais onerosos. Não obstante, quem padecia o prejuízo eram os camponeses. As pessoas eram enganadas, na ótica de Amós:

Ouvi isto, vós que alienais o abatimento do necessitado e destruíis os miseráveis da terra, dizendo: quando passará a lua nova, para vendermos o grão? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo, diminuindo o efa, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sapatos? E, depois, venderemos as cascas do trigo (Am 8, 4-6).

Claramente, os poderosos empreendiam, em nome do rei, a coleta de impostos para financiar sua política expansionista e seus projetos de expansão para o comércio internacional. Mas, em paralelo, as festas e os luxos também eram financiados com o trabalho camponês.⁴⁰⁶ E isso pode ser observado também em Amós 4,1; 5,11; 6, 4-6.

Segundo Horsley, boa parte dos camponeses estavam insatisfeitos com a corte israelita.⁴⁰⁷ As críticas de Amós se dirigiam à realeza, e seus atos eram comparados com as regras da conduta moral da Aliança mosaica: “eles odeiam aquele que repreende à Porta e detestam aquele que fala com sinceridade. Por isso: porque oprimis

⁴⁰⁶ SCHWANTES, 1987, p. 14-15.

⁴⁰⁷ HORSLEY, Richard A. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 26.

o fraco e tomais dele um imposto de trigo, construístes casas de cantaria, mas não as habitareis; plantastes vinhas esplêndidas, mas não bebereis o seu vinho” (Am 5, 10-11).

Sob o reinado de Jeroboão II, o comércio e a agricultura eram prósperos, contudo:

A prosperidade e a confiança nacional eram experimentadas principalmente no cume da sociedade, ao passo que a maioria dos camponeses se achava em apertos calamitosos. Sem dúvida, a taxação e a corveia desempenharam seu papel, porém a focalização particular de Amós está na substituição maciça em título de posse de terra, a partir de posses de famílias tradicionalmente garantidas, para patrimônios acumulados privadamente, recebidos por execução de hipoteca por dívida sobre lavradores empobrecidos. Em resumo, como no reino unido de Salomão, as ‘maravilhas’ do Israel do século VIII se concentravam em uma classe privilegiada que se erguia em proveito próprio pelo despojamento sistemático e pela privação de autoridade da maioria dos camponeses.⁴⁰⁸

A prosperidade no reinado de Jeroboão II é confirmada à luz dos dados arqueológicos. Mas, a tensões sociais geradas pelo desequilíbrio entre o campo e a cidade também o é, explica Liverani.⁴⁰⁹ Uma parcela reduzida da população detinha as riquezas, e a pobreza atingia a maior parte da sociedade israelita. Não seria inútil dizer que a prosperidade de Israel, no tempo de Amós, estabeleceu-se com a exploração do trabalho dos camponeses.

3 O sofrimento dos camponeses no tempo de Amós

De acordo com Schwantes, por um lado, as elites de Israel viviam na comodidade e, por outro, os camponeses eram forçados a custear, com bastante sofrimento, os projetos da política expansionista de Jeroboão II, que envolvia a expansão comercial e militar.⁴¹⁰ O aumento na tributação inseriu o serviço religioso como centro de arrecadação, através dos rituais e das festas, que incentivava a produção e o aumento da arrecadação. Diante desse cenário, pela boca de Amós, Yahweh disse:

Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene (Am 5, 21-24).

⁴⁰⁸ GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 328.

⁴⁰⁹ LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: histórias antigas de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008. p. 167.

⁴¹⁰ SCHWANTES, 1987, p. 16.

As elites israelitas eram transgressoras e subjugavam e espoliavam o povo, o que, muitas vezes, era feito pela força bruta para alcançar seus objetivos. Nas palavras de Amós:

Fazei ouvir isto nos castelos de Asdode e nos castelos da terra do Egito e dizei: ajuntai-vos sobre os montes de Samaria e vede que grande tumulto há nela e que opressões há no meio dela. Porque Israel não sabe fazer o que é reto, diz o Senhor, e entesoura nos seus castelos a violência e a devastação. Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados e dizeis a vosso marido: Dá cá, e bebamos. Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruísteis os miseráveis da terra (Am 3, 9-10; 4,1; 8,4).

A necessidade de gerar riquezas do Estado acabava forçando os camponeses com a tributação. A manutenção do aparato militar, da elite administrativa, da expansão do comércio internacional e do consumo de produtos de luxo importados era bancada pela força do trabalho camponês (Am 4,1). Por isso, o povo era: pisado (Am 2,7); aterrorizado (Am 3,9); esmagado (Am 4,1); e destruído (Am 8,4), pela tributação imposta pelo Estado.

Os anciãos e os juízes que viviam entre o povo, nas vilas camponesas, também contribuíram com a opressão contra o povo no governo de Jeroboão II. Eles lideravam os clãs, controlavam o comércio e, na ocorrência de conflitos com os representantes da corte, agiam de modo fraudulento, “porque os juízes vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias” (Am 2,6). Aqueles que deveriam proteger o povo e agir em defesa da causa do justo cometiam injustiças e defendiam os interesses do Estado, ou seja, juízes e anciãos contribuíram para a opressão e o sofrimento do povo.⁴¹¹ Nesses termos, a política expansionista de Jeroboão II empobreceu os camponeses e arruinou Israel.

4 Denúncias e injustiças na literatura de Amós

Segundo Bonora, os camponeses eram explorados e escravizados.⁴¹² Na literatura de Amós, lê-se o seguinte: “Assim diz o Senhor: por três transgressões de Israel e por quatro, não sustarei o castigo, porque os juízes vendem o justo por dinheiro e condenam o necessitado por causa de um par de sandálias” (Am 2,6). Por isso, é válido considerar que os direitos do povo estavam sendo desprezados, de modo que as pessoas sofriam humilhação e opressão (Am 2,7; 4,1; 5,12; 8,4). As polêmicas e a revolta de Amós podem ser descritas nas seguintes palavras:

Voltemos ao costume antigo, quando a justiça era administrada às portas da cidade, na praça onde se reunia a comunidade da aldeia. Lá eram levadas as questões judiciais. Lá eram cometidas graves injustiças! Eles transformam o direito em veneno e lançam por terra a justiça [...]. Eles odeiam aquele que repreende à porta e detestam aquele que fala com sinceridade. Por isso: porque oprimis o fraco e tomais dele um imposto de trigo, construístes casas de cantaria, mas

⁴¹¹ SCHWANTES, 1987, p. 17.

⁴¹² BONORA, 1983, p. 24.

não as habitareis; plantastes vinhas esplêndidas, mas não bebereis o seu vinho. Pois eu conheço vossos inúmeros delitos e vossos enormes pecados! Eles hostilizam o justo, aceitam suborno, e repelem os indigentes à porta (Am 5,7. 10-12).⁴¹³

De acordo com Liverani, a polêmica de Amós se dirigia contra os dirigentes de Samaria, mormente em relação ao luxo, às festas e à imposição de tributos que oprimia o povo a ponto de torná-lo escravo.⁴¹⁴ Ou seja, Amós denunciava veementemente a injustiça que, no lugar da justiça, era aplicada na porta da cidade pelos responsáveis pelas questões judiciais, bem como denunciava as fraudes comerciais e os juros elevados que eram aplicados sobre o povo (Am 8,4-6).

As aldeias eram obrigadas a cumprir com as exigências tributárias do Estado. Os dirigentes da corte viviam uma vida de luxo, com casas suntuosas e vinhedos. Nas palavras de Bonora:

Os pobres são, para os ricos que os pisam, como o pó da terra. O homem foi feito do pó da terra: 'Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo' (Gn 2,7). Deus inspirou-lhe seu espírito e o homem tornou-se 'um ser vivente', isto é, uma pessoa (Gn 2,7). Ora, a opressão dos ricos reduz novamente o homem a pó. A opressão dos pobres é anticriação. Reduzir o homem a *apar* (pó) significa degradá-lo ao estado pré-humano, torná-lo 'ninguém'. O pobre é pisado e oprimido, não é ninguém!⁴¹⁵

Por isso, pode-se dizer que, na literatura de Amós, a opressão dos pobres é a que mais acarretava culpa sobre os ricos. A vida de conforto e luxo dos abastados israelitas demonstrava que eles não se importavam com a opressão que os pobres padeciam. Ou seja:

Vós [...] que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerros do cevadouro; que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos; que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José (Am 6,3-6).

O esplendor gerado pela riqueza e o luxo que cega os riscos em relação à tragédia que assolava Israel foi o impulso para a revolta de Amós. Israel estava tomada pelo caos político, social e religioso.⁴¹⁶ Nesse contexto, Amós, ao antever a destruição dos destruidores do povo, expressa as palavras de Yahweh: “portanto, agora, ireis em cativo entre os primeiros que forem levados cativos, e cessarão as pândegas dos espreguiçadores” (Am 6,7).

⁴¹³ BONORA, 1983, p. 25.

⁴¹⁴ LIVERANI, 2008, p. 165.

⁴¹⁵ BONORA, 1983, p. 26.

⁴¹⁶ BONORA, 1983, p. 29-31.

5 Relatos do luxo e da opressão em Amós

A situação sociopolítica e econômica de Israel não é muito bem detalhada na literatura de Reis, e as informações concernentes ao reinado de Jeroboão II ocupam apenas alguns versículos (2 Rs 14,23-29). Mas, do campo da Arqueologia, é possível extrair informações acerca da riqueza e do luxo em Samaria, que impulsionou a denúncia de Amós.

Liverani ajuda a ter uma noção sobre alguns aspectos: a opressão fiscal que prejudicava os pobres; a escravidão em virtude dos débitos; a falta de justiça por causa da corrupção do sistema judiciária israelita; a fraude comercial, com falsificação de pesos e medidas e juros elevados; a economia do palácio; os altos impostos sobre os camponeses e pastores, que culminavam em violência quando estes se recusavam tal encargo. De modo geral, no reinado de Jeroboão II, havia desequilíbrio na distribuição das riquezas, o que fez emergir uma classe abastada às custas da opressão econômica sobre os camponeses.⁴¹⁷

Amós criticava a opressão sobre os mais vulneráveis (Am 4,1). Os mecanismos de tributação criados pelos ricos de Israel (Am 5,11; 6,1-6) contribuíram para processos de expropriação das terras dos camponeses, porque eles não conseguiam pagar os impostos. Mas, para além do prejuízo econômico, a perda das terras das famílias e/ou dos clãs gerava uma fratura na composição da identidade familiar, que, naquele contexto, era indissociável à terra e à religião doméstica.⁴¹⁸ Gottwald explica que “as cobiçosas classes superiores, com a cumplicidade governamental e jurídica, expropriavam sistematicamente as terras dos pobres, a fim de poderem elas acumular riquezas”⁴¹⁹. O acúmulo de poder e riqueza servia apenas como plataforma de ostentação e propagação da prosperidade e riqueza do reino de Israel.

A cobrança de juros sobre dinheiro emprestado aos pobres era uma prática proibida na Lei (Ex 22,25). No entanto, no contexto de Amós, a impiedade dos credores aumentava na imposição de juros elevados, e a crueldade se multiplicava no recebimento das dívidas. Na Lei, o devedor era obrigado a entregar algum objeto para penhorar a dívida. Contudo, os objetos necessários para o cotidiano não poderiam ser aceitos (Dt 24,10-13), de modo que as vestimentas deveriam ser tomadas como penhor apenas por algumas horas, sem ultrapassar o pôr do sol, mesmo na falta de pagamento da dívida. Na denúncia de Amós, os credores tomavam as roupas como penhor, mas não as devolviam na falta de pagamento da dívida, deitando-se sobre elas em suas bebedices e festas (Am 2,8). Dar as vestes como penhor de dívidas pode sinalizar para uma situação de pobreza extrema, ou aponta para o fato de que essas pessoas não possuíam mais nenhum objeto de valor para penhorar. Além disso, se elas não pagassem os empréstimos ao pôr do sol, e não recebessem de volta suas roupas, não teriam condições de se protegerem do frio, à noite.

Outra questão que Amós traz à tona em sua literatura se relaciona com os latifundiários que estavam acumulando grandes propriedades. De acordo com Ceresko, “um dos fundamentos da ordem socioeconômica no tempo da confederação tribal tinha sido a posse por parte de cada grande família da sua própria moradia e de um pedaço de terra suficiente para prover às necessidades básicas da vida de seus

⁴¹⁷ LIVERANI, 2008, p. 164-167.

⁴¹⁸ SMITH, Mark S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006. P. 92-93.

⁴¹⁹ GOTTWALD, 1988, p. 338.

membros”⁴²⁰. A comunidade hebraica se organizava a partir de normas de apoio e ajuda pautadas no Código da Aliança e na lealdade a Yahweh. Além disso, outro fundamento se relaciona ao direito de acesso aos bens para subsistência. Mas, ambos os fundamentos de Israel se deterioraram frente aos costumes de outras nações, que se ancoravam na ostentação de riquezas e em orgias sexuais como prática de adoração – a Baal, por exemplo.

As pessoas abastadas em Israel não ajudavam as famílias mais vulneráveis, mas emprestavam dinheiro a juros exorbitantes e provocavam a falência dessas famílias, expropriando-as de suas terras e relegando-as ao estado de escravidão (Am 2,6-7). Em Amós 8,4-6, pode-se perceber como eram as extorsões e as injustiças:

Ouvi isto, vós que tendes gana contra o necessitado e destruíis os miseráveis da terra, dizendo: Quando passará a Festa da Lua Nova, para vendermos os cereais? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo, diminuindo o efá, e aumentando o siclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras, para comprarmos os pobres por dinheiro e os necessitados por um par de sandálias e vendermos o refugio do trigo?

No controle das terras, os abastados e poderosos destinavam a produção para seu próprio benefício. O produto da terra era trocado por bem luxuosos, joias, perfumes e objetos de marfim. Com efeito, a política, a economia e a sociedade eram instâncias controladas, o que intensificava a cobrança de tributos em detrimento da população. A classe abastada e opressora se beneficiava da prosperidade no reinado de Jeroboão II, mas ela era composta por aproximadamente 5% da população, explica Ceresko,⁴²¹ enquanto as demais pessoas trabalhavam duro para sustentar esse estilo de vida esbanjador. Em suas palavras, Amós criticava:

Vós que imaginais estar longe o dia mau e fazeis chegar o trono da violência; que dormis em camas de marfim, e vos espreguiçais sobre o vosso leito, e comeis os cordeiros do rebanho e os bezerras do cevadouro; que cantais à toa ao som da lira e inventais, como Davi, instrumentos músicos para vós mesmos; que bebeis vinho em taças e vos ungis com o mais excelente óleo, mas não vos afligis com a ruína de José. Portanto, agora, ireis em cativo entre os primeiros que forem levados cativos, e cessarão as pândegas os espreguiçadores (Am 6,3-7).

A classe abastada de Israel vivia uma vida luxuosa e despreocupada com as pessoas que padeciam nessa mesma sociedade.

Conclusão

Pode-se concluir que Amós apresentou denúncias contundentes contra a injustiça social em seu tempo. A despeito de ser judaíta, ele atendeu à convocação de Yahweh e criticou a opressão contra os pobres que habitavam no reino do Norte de Israel. Os ricos e os poderosos foram alvos privilegiados de suas denúncias, por causa

⁴²⁰ CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 192.

⁴²¹ CERESKO, 1996, p. 193.

das violências que eles cometiam contra as pessoas em situação de pobreza. A alta sociedade e sua ganância, tão apoiada pelo rei Jeroboão II, foi duramente criticada por Amós.

Sob o controle do Estado, o sistema religioso de Israel foi instrumentalizado para manipulação do povo, visando o aumento da arrecadação de impostos. Os sacerdotes, em seus acordos com o sistema opressor e dominante, esqueceram-se que Yahweh representava uma divindade que ama a justiça e cuidado com as pessoas em situação de pobreza. Em Israel, no tempo de Amós, no lugar do cuidado, instaurou-se a opressão. As normas de ajuda e apoio foram desprezadas e esquecidas, ao passo que o direito de acesso aos bens necessários à subsistência foi negado para muitas pessoas. Os ricos emprestavam dinheiro a juros elevados, e não socorriam os necessitados, em vez disso, geraram a falência daqueles que eram obrigados a entregar as terras para o pagamento das dívidas e, como se não bastasse, ainda eram escravizados.

No interior do Código da Aliança, a solidariedade era uma prática que deveria ser realizada entre o povo de Israel (Ex 22,21-27). Entretanto, os ricos e os poderosos de Israel abandonaram tal prática e oprimiam as pessoas por causa de suas ambições. Eles tinham sede por riqueza e poder, e conseguiam essas coisas pisando nos pobres (Am 5,11). Os juízes de Israel decidiam as questões judiciais sempre em benefícios dos ricos e dos poderosos, quando, na verdade, eles deveriam aplicar a lei com justiça e sem fazer acepção de pessoas. Nesse sentido, os juízes contribuíram com a manutenção do sistema opressor em Israel que espoliava, expropriava e empobrecia os pequenos camponeses. As mulheres da classe abastada diziam aos seus maridos: “dá cá e bebamos” (Am 4,1), ou seja, incentivavam os ricos e os poderosos em suas práticas de espoliação, quando deveriam aplicar os atos de solidariedade para com as pessoas necessitadas.

A falta de solidariedade é um problema contemporâneo. A cobiça de uma minoria detentora do poder faz com que boa parte da população seja oprimida e espoliada. No âmbito global, a opressão financeira culmina em dívidas externas dos países e gera o empobrecimento de suas populações, que, em geral, acabam sendo obrigadas a trabalhar muito a troco de baixos salários e padecerem em contextos de inflações no custo de vida e pagamentos de impostos elevados, sem mencionar a falta dos benefícios dos sistemas de saúde, moradia, educação e segurança.

A opressão mina a força das pessoas e não as deixa reagir, bem como as lança, muitas vezes, para as veredas das drogas, dos vícios e diferentes tipos de criminalidades. Seres humanos adentram no caminho da prostituição pela falta de alternativas ou por serem obrigados, por meio da violência, a se prostituir. Mulheres e crianças são as principais vítimas do estado de prostituição, pois, raptadas ou enganadas, são lançadas no mundo do tráfico sexual. O grito das pessoas oprimidas ecoa na atualidade, em busca de solidariedade e transformação social.

Referências

BONORA, Antônio. *Amós: o projeto da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CERESKO, Anthony R. *Introdução ao Antigo Testamento: numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 1988.



HORSLEY, Richard A. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2007.

KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: histórias antigas de Israel*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.

SCHWANTES, Milton. *Amós: meditações e estudos*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

SMITH, Mark S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006.